

PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA
SECRETARIA DE ASSISTÊNCIA SOCIAL- SEMAS
SERVIÇO DE CONVIVÊNCIA E FORTALECIMENTO DE VÍNCULOS CAJUN JABURU

RENATA FRICKS DOS SANTOS

**GRUPO DE INTERVENÇÃO PSICOSSOCIAL COMO PRODUÇÃO E
FORTALECIMENTO DE VÍNCULOS**

VITÓRIA

2019

Grupo de intervenção psicossocial como produção e fortalecimento de vínculos

Apresentação: O Cajun Jaburu é um serviço de convivência e fortalecimento de vínculos localizado no bairro Jaburu no município de Vitória/ES desde 2000. Ele compõe a proteção social básica, de maneira a prevenir ocorrências de risco social e fortalecimento de vínculos familiares e comunitários, buscando atender pessoas em situações prioritárias. O Serviço de convivência e fortalecimento de vínculos se organiza através de grupos de forma a ampliar trocas culturais e de vivências para desenvolvimento de pertencimento e identidade. No Cajun Jaburu as atividades executadas nos grupos são através de oficinas lúdicas de capoeira; dança; jogos, brincadeiras e brinquedos e música. O atendimento mensal na unidade varia de 85 a 100 crianças e adolescentes de 06 a 15 anos. Além das oficinas acontecem também os grupos mensais de intervenção psicossociais com a técnica da unidade com objetivo de trabalhar algum dos eixos orientadores do serviço, que são: convivência social; direito de ser e participação social.

Justificativa: Jaburu esta inserido no território de Gurigica e em trabalho com a rede socioassistencial foi identificado nos equipamentos em geral, que a causa da maioria dos problemas dos munícipes atendidos no território se deriva da fragilidade dos vínculos que faz com que se perpetue a violência tanto no núcleo familiar quanto em outros espaços. Na unidade do Cajun Jaburu, a fragilidade de vínculos familiares pode ser associada a um número significativo de atendidos com familiares tanto em espaço prisional quanto em unidades de medidas socioeducativas, além disso, rompimentos de vínculos frequentes, como mudanças repentinas de responsáveis/cuidadores. Assim, percebe-se que apesar de não serem crianças institucionalizadas, o rompimento de vínculos é tão frequente como se fosse o caso, o que como consequência dificulta o desenvolvimento de apego e a formação da personalidade.

A dificuldade de apego e confiança no espaço se vê assim quando se chega ao espaço, olhares transversais, não direcionamento da fala, além de expressões corporais pouco diretos e abertas ao diálogo. Outra observação é a dificuldade de aceitação ao diferente e mudanças de profissionais no espaço, o que quando há, existe um longo processo de adaptação e confronto até sentirem-se acolhidos e protegidos. Dessa forma, para trabalhar essas questões, os grupos têm sido aliados na promoção e espaço de escuta, processos de valorização/reconhecimento, reconhecimento e nomeação das emoções nas situações vivenciadas; que são algumas das alternativas emancipatórias para o enfrentamento da vulnerabilidade social.

Objetivo geral: Fortalecer bons tratos com si mesmo e os outros, a fim de desenvolver o fortalecimento de vínculos familiares e grupais.

Objetivos específicos: Trabalhar o conceito de família e novas configurações familiares; autoimagem e empatia; compaixão e autoestima; bons tratos e convivência social.

Metodologia: Os grupos são organizados através de faixa etárias, assim dividem-se os grupos entre crianças de 06 a 09 anos e adolescentes de 10 a 15 anos. Os grupos de crianças têm como metodologia materiais mais coloridos e atividades mais interativas, pela necessidade de desenvolvimento de algo que tenha uma finalidade, já nos grupos de adolescentes a discussão tem finalidade em si mesma, com a intenção de desenvolvimento de pensamento mais crítico, maior complexidade e transversalidade. Do mês de novembro/18 a setembro/19 alguns dos temas e atividades desenvolvidas em conjunto com as crianças foram:

Grupo 1: Tema: Prevenção do abuso sexual infantil. Materiais do Conclave disponibilizado pela formação realizada em rede de fortalecimento de vínculo, o material é um quebra cabeça de um corpo feminino e outro masculino nus e roupas das quais se colocam-se nestes corpos. Grupo 2: Tema: Trabalhando as emoções. Houve uma sessão de cinema com o filme *Divertidamente*, da qual existem cores e denominações de sentimentos para as crianças identificarem-se. Grupo 3: Tema: Família e novas configurações familiares. Roda e conversa e recorte e colagens de diversos tipos de famílias e o que as denominam. Grupo 4: Tema: Boa convivência. Palavras-cruzadas sobre palavras que facilitam a boa convivência, da qual frisaram palavras como empatia e compaixão, exemplificando com situações cotidianas para elaboração de raciocínio para resoluções de conflitos.

Já em conjunto com os adolescentes os temas e atividades executadas foram: Grupo 1: Tema: Sexualidade: Conhecendo sobre seu próprio corpo e o do outro. Materiais do Conclave disponibilizado pela formação realizada em rede de fortalecimento de vínculo, o material são figuras do corpo adulto feminino e masculino e nomeação destes nomes. Existem ainda figuras de métodos contraceptivos e órgãos sexuais internos. Grupo 2: Tema: Autoestima e autocompaixão. Filme *Dupplin'* e roda de conversa sobre. Grupo 3: Tema: Novas configurações familiares. Dinâmica sobre família perfeita e família imperfeita e roda de conversa sobre. Grupo 4: Tema: Namoro e relações afetivas. Utilização da cartilha namoro legal e dicas e reconhecimento de um relacionamento abusivo, ampliando o mesmo para as relações de amizade também.

Resultados alcançados e metas definidas e quantificadas através de indicadores

Nos grupos tanto sobre sexualidade com os adolescentes tanto sobre prevenção do abuso sexual infantil foram trabalhados o conceito do seu próprio corpo e limite e proteção deste e sobre dizer não a toques inapropriados e com os adolescentes sobre o entendimento sobre o adolecer e também dizer não a situações de risco como sexo sem preservativo, além de conceitos gerais sobre a higiene com ambos os grupos. Nestes grupos, com as crianças foram perceptíveis nos relatos a ingenuidade de alguns sobre a denominação do corpo diferente do seu e com outros, a exposição precoce a conceitos sexuais do universo adulto.

Já com os adolescentes foram perceptíveis a iniciação da vida sexual precoce, além da naturalização de uma gravidez na adolescência e a responsabilização desta apenas sendo da figura feminina, o que aparenta estar ligado a vivência familiar de também gravidez na adolescência. Um dos atendidos relatou que a mãe e o pai tinham apenas 12 e 13 anos quando ele nasceu e ao final da discussão, ele concluiu que “meus pais me tiveram muito cedo e eles não deram conta, quem teve de cuidar de mim foi a minha avó”.

Nos grupos com crianças trabalhando as emoções e com os adolescentes sobre autoestima e autocompaixão percebeu-se que as crianças possuem consciência sobre suas próprias emoções, porém tem dificuldade de administrá-las, o que gerou em um segundo momento o trabalho com o tema boa convivência e assim a discussão sobre as palavras de empatia e autocompaixão, pois muitas destas relatavam rancor sobre situações vivenciadas de violência, como a visualização da violência doméstica, além da dificuldade de se verem como pessoas de valor, não enxergando coisas positivas em si mesmas, o que por sua vez também é perceptível entre os adolescentes.

Assim, ao invés de trabalhar com autoestima, da qual poderia gerar algo demasiado, que em excesso provocaria arrogância ou narcisismo, optou-se pela discussão sobre autocompaixão, que favorece maior equilíbrio nas relações sociais, da qual faz com que eles se reconheçam como pessoas de defeitos, porém também de qualidades e necessidade de serem amadas e cuidadas.

Nos grupos das crianças e adolescentes sobre o tema sobre família e novas configurações familiares, houve a escuta de sofrimento de muitas de não possuírem o aspecto padrão familiar esperado, angústia da separação de seus entes familiares com a prisão de alguns

deles, além de dificuldade de confiança de novos cuidadores/responsáveis em suas novas composições familiares. Na unidade há um atendido de 08 anos que costumava chorar durante as atividades nos retornos dos finais de semana, quando ouvia colegas dizendo sobre seus pais. Ao ser indagado qual era o problema durante as oficinas, não costumava conversar e mesmo durante atendimento individual fechava-se. Durante um dos grupos, ele disse: “Eu esperava que minha mãe me protegesse, o meu padrasto me batia muito e depois eu vim morar com minha tia”, ao final do grupo sua conclusão sobre: “Acho que minha tia pode ser vista como minha mãe no momento”.

Em uma fala de um adolescente de 13 anos, este disse “Se eu for falar da minha mãe, eu choro... Tem muitos anos que não vejo ela [...]”. Em outro momento, este mesmo adolescente descreve a situação de violência vivenciada na comunidade, que o impede de vivenciar a relação maternal, da qual a mãe é proibida de subir no morro. O relato sobre impedimento de um familiar subir no morro Jaburu também é presente na vida de outro adolescente de também 13 anos, da qual relata que o pai é proibido de subir no morro e eles costumam se falar por telefone.

Através dos relatos descritos, percebe-se que as fragilidades de vínculos no Cajun Jaburu derivam de vivências de violências, que afetam a maneira da qual relacionam consigo mesmo e com os outros, o que poderia ser descrito dentro do viés da violência familiar transgeracional, por entender-se que não apenas o seu núcleo familiar esta inserido dentro do contexto da violência, porém infelizmente também toda a extensão familiar com históricos de violência doméstica, sexual, econômica, moral e/ou psicológica, o que inclusive também é identificado em atendimentos com as famílias dessas crianças e adolescentes.

Dessa forma, conclui que fazer grupos o SCFV é extremamente necessário e relevante para se entender estereótipos, estigmas, baixa autoestima, dificuldade de confiança, além de repetição de comportamentos violentos de gênero e outros. Pois, como Lévy apud Afonso e Fadul (2015) descrevem práticas de intervenção psicossocial de maneira democrática e participativa envolvem produção de conhecimento, seja do grupo-sujeito sobre si mesmo, seja sobre seu agir no contexto histórico-social, porque ocorre através de reflexão, indo além, pois implica na relação entre mudança social e escolhas realizadas pelo sujeito tanto em processos grupais quanto coletivos, interligando reflexão e ação.

O que inclusive Machado apud Afonso e Fadul (2015, pág.05) também relata, pois “a mudança é um processo que nasce não apenas da necessidade de resolver este ou aquele problema, mas que está associado ao desejo de autonomia dos grupos sociais.” Não sendo sobre definir qual é a mudança correta que tem de ocorrer, mas de construir com ele as possibilidades.

Referências bibliográficas

AFONSO, MARIA LÚCIA MIRANDA; FADUL, FABIANA MEIJON. **O trabalho com grupos no PAIF: um diálogo interdisciplinar com a Oficina de Intervenção Psicossocial.** Pesquisas e Práticas Psicossociais, 10(1), São João del-Rei, janeiro/junho 2015.

GABATZI, RUTH IRMGARD BARTSCHI ET AL. **Formação e rompimento de vínculos entre cuidadores e crianças institucionalizadas.** Rev. Bras Enferm [Internet]. 2018; 71(suppl 6):2808-16.

MINISTÉRIO DE DESENVOLVIMENTO SOCIAL E COMBATE À FOME- SECRETARIA DE ASSISTÊNCIA SOCIAL- SNAS. **Caderno de Orientações: Serviço de Proteção Integral à Família e Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos.** Articulação Necessária na Proteção Social Básica. Brasília, 2015.

SCANTAMBURLO, NATALIA PINHEIRO; MORÉ, CARMEN LEONTINA OJEDA OCAMPO; CREPALDI, MARIA APARECIDA. **O processo de transmissão intergeracional e a violência no casal.** Nova Perspectiva Sistêmica, Rio de Janeiro, n. 44, p. 35-48, dez. 2012.

Registros fotográficos

